



<http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2024.1.46353>

SEÇÃO: INFLUENCIADORES DIGITAIS CATÓLICOS

Liturgias vigiadas, católicos divididos: como a crise de pertencimento esvazia os ritos

Observed liturgies, divided catholics: how the crisis of belonging empties the rites.

Liturgias supervisadas, católicos divididos: cómo la crisis de pertenencia vacía los ritos

Pedro Leite¹

orcid.org/0000-0002-4208-7381
padrepedroigor@gmail.com

Recebido em: 31 maio 2024.

Aprovado em: 1 ago. 2024.

Publicado em: 17 dez. 2024.

Resumo: O presente artigo se propõe a refletir sobre o fenômeno contemporâneo de esvaziamento dos vínculos comunitários. O ponto de partida é a identificação do subjetivismo como o responsável pela crise de pertencimento que gera um processo de atomização e enclausuramento individuais. A pessoa nesse nível de crise pode encontrar outros sujeitos atomizados que se associam, formando um novo agrupamento com as mesmas características: uniformização das ideias e eleição de inimigos comuns. Essa nova configuração associativa, refém de um líder carismático, encontra nas mídias sociais o reforço necessário para a proliferação de suas doutrinas e hermenêuticas sem a refutação própria das relações interpessoais. Tais indivíduos atomizados se tornam vigias intransigentes, provocando uma divisão gradativa e violenta entre os católicos. A partir dessa construção analítica, observaremos os ritos como um aspecto da liturgia católica que são atingidos por tal crise, visto que a estrutura celebrativa não conhece o *eu* isolado, mas sempre é pensada na perspectiva do *nós* da Igreja. Por fim, algumas saídas são apresentadas tendo como meta as relações intersubjetivas, dialógicas e sinodais.

Palavras-chave: Subjetivismo. Atomização. Vigias. Pertencimento. Comunitário.

Abstract: This article aims to reflect on the contemporary phenomenon of emptying community bonds. The starting point is the identification of subjectivism as responsible for the crisis of belonging that generates a process of individual atomization and enclosure. The person at this level of crisis can find other atomized subjects who associate forming new grouping with the same characteristics: uniformization of ideas and election of common enemies. This new associative configuration, hostage to a charismatic leader, finds in social media the necessary reinforcement for the proliferation of its doctrines and hermeneutics without the own refutation of interpersonal relationships. Such atomized individuals become intransigent watchmen, provoking a gradual and violent division among Catholics. From this analytical construction, we will observe the rites as an aspect of the Catholic liturgy that is affected by such a crisis, since the celebratory structure does not know the isolated *self*, but is always thought on the perspective of *us* from the Church. Finally, some outputs are presented with the goal of intersubjective, dialogical and synodal relations.

Keywords: Subjectivism. Atomization. Watchers. Belonging. Community.

Resumen: Este artículo se propone reflexionar sobre el fenómeno contemporáneo del vaciamiento de los lazos comunitarios. El punto de partida es la identificación del subjetivismo como responsable de la crisis de pertenencia que genera un proceso de atomización y encierro individual. Una persona en este nivel de crisis puede encontrarse con otros individuos atomizados que se asocian para formar una nueva agrupación con las mismas características: estandarización de ideas y elección de enemigos comunes. Esta nueva configuración asociativa, rehén de un líder carismático, encuentra en las redes sociales el refuerzo necesario para la proliferación de sus doctrinas y hermenéuticas sin la refutación propia de las relaciones interpersonales. Tales individuos atomizados se convierten en intransigentes vigilantes, provocando una progresiva y violenta división entre los católicos. A partir de esta construcción analítica, nos fijaremos en los ritos como



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, PE, Brasil.

un aspecto de la liturgia católica que se ve afectado por esta crisis, ya que la estructura celebrativa no reconoce el yo aislado, sino que se piensa siempre desde la perspectiva del *nosotros* de la Iglesia. Por último, se presentan algunas soluciones que tienen como meta las relaciones intersubjetivas, dialógicas y sinodales.

Palabras clave: Subjetivismo. Atomización. Vigilantes. Pertenencia. Comunidad.

INTRODUÇÃO

A pandemia da covid-19 potencializou uma situação que já era mais ou menos comum em algumas realidades eclesiais: a transmissão de celebrações litúrgicas *ao vivo*. Através de mídias sociais e outras plataformas, para além de TV e rádios (quase ultrapassados), todos passaram a ter acesso à vida das dioceses, paróquias e comunidades em geral. Ganha incentivo, reconhecimento e reestruturação a já existente Pastoral da Comunicação (PASCOM), com jovens atentos e experientes em vídeos, edições e postagens. Ao mesmo tempo, uma tendência problemática, com pelo menos dois aspectos, também é percebida. De um lado, há uma espécie de fiscalização por parte de alguns atores que estão por trás das câmeras e dos aplicativos, em casa, a julgar o certo e o errado, o litúrgico ou antilitúrgico, a homilia piedosa ou herética, o paramento de grife ou não, o padre engraçado ou sem unção. De outro, a influência da internet (e daqueles fiscais) na comunidade local é tão intensa que as equipes de liturgia vão se robotizando e uma tensão/cobrança de viés tradicionalista passa a ser experimentada por todos.

A validação ou a condenação dentro do universo doutrinário/litúrgico/celebrativo (o cancelamento em linguagem da cultura digital) se dá por pessoas geralmente muito jovens, nascidas após o Concílio Vaticano II, com tendências a avaliar tudo a partir de uma ótica extemporânea, alheia à realidade comunitária e às urgências pastorais locais. Tal "balcão de avaliadores" é um foco daquele clericalismo que é diagnosticado e combatido pelo papa Francisco. Os pretensos doutos em catequese e *liturgismo* ganham fama nas mídias sociais com perfis bastante visitados, ensinando aquilo que se pode ou não fazer no presbitério e na vida (desde o jeito correto de se

ajoelhar à mão que não se pode abrir). O clericalismo tem, portanto, mestres, frentes de ação e muitos discípulos.

A lógica desenhada nos impulsiona a uma reflexão com incidência pastoral muito simples: perceber como essa realidade marcada pelo subjetivismo gera uma crise de pertencimento e um enfraquecimento das comunidades locais e aplicar isso ao esvaziamento dos ritos, que perdem a naturalidade e a sua função mistagógica. Mais que um estudo sobre pastoral litúrgica, este texto – construído com método fronteirício entre as Ciências da Religião e a Teologia – é uma possibilidade de reflexão sobre a Igreja em uma época de constante mudanças.

1 ENFRAQUECIMENTO DA COMUNIDADE COMO SINAL DA CRISE DE PERTENCIMENTO

As análises dos fenômenos religiosos só podem se dar na medida em que se observa, também, o aspecto antropológico aí implicado. Este, por sua vez, no contexto atual é fundamentalmente atingido pela evolução biotecnológica e pelas interações digitais (ou a ausência delas). Assim, pensar o enfraquecimento das comunidades requer um passo atrás: o de perceber a crise interna pela qual atravessa o ser humano, preso em si mesmo e em seu subjetivismo. Neste primeiro momento, nós nos propomos a pontuar algumas questões que cruzam a relação do indivíduo com o comunitário e, em seguida, tentaremos chegar à subjetividade como a grande influenciadora das novas nuances religiosas pós-modernas.

1.1 Contexto atual: atomização do eu e esvaziamento do comunitário

A conjuntura pós-moderna, entre outros fatores, encontra sua satisfação na supervalorização do eu, o que provoca um desmantelamento do coletivo. Tal tendência, no entanto, é sempre precedida por uma crise profunda de identidade e de pertencimento. Por pensar diferente do grupo, há um processo egóico de saída e afastamento desse grupo, gerado por um fechamento pessoal, isto é, uma verdadeira atomização (de *a-tomus*,

ou seja, que não se divide). Aí o indivíduo atomizado pode se deparar com outros sujeitos em mesmo nível de crise, carentes de confirmação, formando novos agrupamentos. Tal movimento possibilita a ruptura com a comunidade local em nome dessa outra associação que tem pelo menos duas características basilares: a primeira é a uniformização das ideias e do comportamento, e a segunda é a eleição de um inimigo comum que precisa ser combatido. Tal inimigo é demonizado e violentamente enfrentado por aqueles que pensam de maneira padronizada, e suas características podem variar de acordo com a diversificação das identidades e dos agrupamentos.

Hannah Arendt (1998), em *As origens do totalitarismo*, por exemplo, faz referência a uma possível relação existente entre os sujeitos atomizados (e/ou uma atomização social e uma individualização extrema) e o discurso e as práticas totalitárias, tendo em vista que estas nasceram de um substrato fragmentado de massas sociais que se atomizaram ao longo dos tempos. Essa atomização/individualização, no presente contexto epocal, pode ainda ser acrescida de dois elementos que lançarão luzes sobre nossa posterior análise litúrgico-pastoral. O primeiro é a lógica narcísica do consumo, que introjeta na pessoa o mecanismo de competição, o vazio existencial e aquilo que Byung-Chul Han (2022, p. 41) chama de *positividade do igual* (isto é, exercício de equiparação que torna impossível a experiência atópica do outro, que é expulso da relação em nome do igual, do si-mesmo: "O eu se afoga no si"). O segundo é o lugar que os meios de comunicação, as mídias sociais e a tecnologia ocupam no corpo da organização social, fazendo das presentes gerações as pioneiras de

um "enclausuramento nos seus quartos", com *insights transumanos* e quase nada *intersubjetivos*.

Em suma, tais fatores, de uma complexidade sem precedentes, reverberam em posicionamentos e discursos eclesiais completamente fechados e rígidos, com corte fatalista e ameaça soteriológica. Sua estrutura é, aparentemente, bem-intencionada, mas a real finalidade não é o evangélico Reinado de Deus, mas o reino narcísico da autorreferencialidade. Assim, aqueles elementos de uniformização de ideias e eleição de um inimigo comum, somados à competição consumista na esfera digital, transformam-se em programa metodológico de (pseudo)existência no tempo presente.

Em uma massa sem esperança e atordoada, formada por indivíduos isolados e formações sociais atomizadas, encontra-se o "ovo da serpente" do totalitarismo. Em uma sociedade em rede, atravessada pelo individualismo consumista, pelo sentimento de impotência, pela perda de desejo e de sentido, abre-se o espaço para uma nova forma de fascismo que não ousa dizer seu nome, um neofascismo silencioso, provocado e alimentado pelos desastres da própria globalização capitalista e suas repercussões nas sociedades ditas democráticas (Castro, 2018, p. 379).

Esse método é tão concreto que faz crescerem e ressuscitarem, em diversas capitais e centros urbanos, espécies de confrarias e centros de estudo, sempre sob o patrocínio de uma personagem católica que inspira (à luz de um fundamentalismo/integrismo) as suas ações (vide o caso do Centro Dom Bosco, no Rio de Janeiro, e da Confraria Dom Vital, no Recife etc., coordenados por uma chamada *Liga Cristo Rei*²). São, ao nosso ver, lugares que por excelência reúnem e congregam essas duas realidades: pessoas com crise de pertencimento (não suportam a diver-

² Em postagem no Facebook de 12 de setembro de 2019, na página da Liga Cristo Rei, pode-se ler: "com apenas dois anos de idade a liga Cristo Rei para a Defesa da Fé já conta com mais de 40 Centros espalhados pelo mundo" (Liga Cristo Rei, 2019, s.p.). Apresenta-se também as cidades e seus respectivos centros/institutos/confrarias a elas ligados. Fora do Brasil, segundo a publicação, vê-se a atuação no Paraguai, em Portugal e na Irlanda do Norte. Glícia Gripp (2023, p. 765), escrevendo sobre *Católicos contra a fraternidade* na Revista Eclesiástica Brasileira, pontua, ainda, o que segue: "O Centro Dom Bosco é um grupo de leigos católicos criado em 2016, que divulga as ideias da nova extrema direita católica. É uma espécie de acelerador de divulgação dos conteúdos. Faz parte de uma rede de grupos e centros religiosos compostos por leigos, a 'Liga Cristo Rei', criada em 2017. Identificamos 49 grupos e centros católicos alinhados à Liga, espalhados no território brasileiro, durante a pesquisa. Com base nas citações e postagens de mensagens, imagens, fotos e vídeos em cada perfil dos centros católicos que se relacionam com a Liga Cristo Rei, no Facebook, encontramos os perfis das pessoas mais citadas – os 'influenciadores' – e os conteúdos mais reproduzidos. Observou-se a influência dos perfis pessoais do Padre Paulo Ricardo (não segue nenhum outro perfil nas suas redes sociais), da deputada Chris Tonietto, dos ativistas Bernardo Küster e Allan dos Santos, que não interagem com os seus seguidores, ou seja, são perfis de divulgação de conteúdo, para influência sobre a clientela desejada".

gência de pensamento e, portanto, uniformizam a vida) e que elegeram inimigos idílicos comuns³.

João Décio Passos (2021) nos traz uma exemplificação desses elementos: de um lado, apresenta uma espécie de roteiro metodológico que constitui a psicologia de pessoas fanáticas (o que temos aqui desenhado em relação aos que esvaziam o comunitário); de outro, cita alguns exemplos de possíveis inimigos defenestrados pelo tradicionalismo insurgente na extrema direita católica. O fanático (a etimologia remonta a uma pessoa possuidora do fogo divino), entendido desde o ponto de vista social contemporâneo, é aquele que possui um zelo excessivo por uma ideia ou causa (Passos, 2021). Nesse sentido, a atomização do indivíduo que foge do comunitário por conta de uma fixação em sua cosmovisão particular se funde à consciência de fanatismo, alimentada pelas orientações de líderes que têm como intenção a formação de reprodutores/clientes que guerreiem contra aqueles inimigos.

Assim se constitui o modo de pensar desses indivíduos: a) adesão a uma *crença na verdade* proclamada pelo líder que lhe representa; b) tal crença provoca um mecanismo de *alienação* (inclusive psiquiátrica) que lança a pessoa para dentro de um mundo imaginário; c) tal alienação provoca uma *segregação* na qual o fanático rompe com aqueles que ele julga contrastante; d) a segregação, por sua vez, gera o *sectarismo* que alimenta a lógica da autorreferencialidade e do fechamento em grupos de iguais; e) nesse estágio, o fanático perde toda a autonomia, e a *heteronomia* vem do líder e da bolha virtual que lhe acompanha; f) o líder forma o fanático para que este *reproduza* o conteúdo recebido como verdade máxima, absoluta e transcendente sob pena de *excomunhão* em relação aos que formam o novo agrupamento; g) a reprodução é só uma das maneiras de *servilismo* do fanático (Passos, 2021). Este, em linhas gerais, torna-se um *militan-*

te do líder, ainda segundo o autor supracitado, através de uma operação passiva de reprodução de falas, gestos e ideias.

O universo político-religioso de efetivação desse cenário é profundamente marcado pela negação do presente e pela deturpação do que seja a viva Tradição da Igreja. O futuro ao qual se agarram está na força do passado. Assim, quem diverge da hegemônica e invariável opinião do líder tradicionalista está inscrito no *index* do inimigo a ser perseguido e derrotado. Por isso o tradicionalismo e suas múltiplas variáveis aparecem revestidos de uma piedade puritana e soteriológica anacrônicas e de uma contradição interna: demonizam a modernidade, mas abraçam todos os seus símbolos. Vejamos: se se fala de um *tradicionalismo de resistência*, seus inimigos são a modernização da sociedade (Passos, 2020). Se é um *tradicionalismo de legitimidade*, os inimigos estão dissolvidos nessa modernidade, como as *ciências modernas*, a *democracia*, os *Estados laicos*, o *comunismo* e o *relativismo moral* (Passos, 2020). Se falamos de um *tradicionalismo emergente*, os inimigos são muitos e bem conhecidos:

[...] o comunismo [...], a teologia da libertação com seus teólogos, as posturas relacionadas a um catolicismo social da opção pelos pobres [...], os bispos comunistas, a CNBB e, muitas vezes, até mesmo o papa Francisco (Passos, 2020, p. 117).

O problema não é tão simples e está muito perto dos contextos eclesiais contemporâneos.

1.2 Crise de pertencimento como rosto do subjetivismo religioso pós-moderno

O problema apresentado não significa, simplesmente, o fim ou uma crise da religião. Ao contrário, o nosso século abraçou a profecia de André Malraux de que seria religioso (Mendoza-Álvarez, 2011), e isso é comprovado, de um lado, pela proliferação de igrejas e centros espirituais

³ Sobre como atuam tais grupos, Glícia Gripp (2023, p. 765-768) diz: "Denominamos o conjunto desses grupos de nova extrema direita católica, por estar intimamente relacionado com o movimento político de extrema direita e defender os mesmos princípios. Poderíamos chamá-los de neointegristas, como o faz o brasilianista Georg Wink (2023). Suas características se aproximam da análise de Yves Congar (1950) do integrismo, na primeira metade do século XX. [...]. Cabe salientar que esses grupos produzem militantes portadores de um projeto de transformação, não só da Igreja, mas também da sociedade. E funcionam a partir do *think tank* liderado pelo Padre Paulo Ricardo e de perfis de influenciadores que servem como aceleradores de disseminação de conteúdo da extrema direita católica e de frente de recrutamento".

e pela fundamentação religiosa dos discursos políticos; de outro, pelo interesse mesmo em redescobrir o valor da dimensão religiosa do ser humano. A volta secular da religiosidade, contudo, deparou-se com a novidade básica da sociedade pós-moderna, que é a subjetividade. Esta é certamente uma conquista do tempo, embora seja também um limite na medida em que passa a haver uma tensão entre o *eu* e o *coletivo*, orquestrada pelo subjetivismo e endossada, ainda mais, por aquilo que Carlos Mendoza-Álvarez chama de *logos cibernético* – o qual, em sua concepção, possibilitou outro sentido do termo religioso:

[...] no novo espaço midiático e cibernético, as práticas religiosas se sustentam num fundamento doutrinário muito fraco, mas concentram sua força na exploração emocional virtual, forjado por agentes especializados no rigor próprio da sensibilidade midiática de massa e usufruindo do anonimato típico do ciberespaço (Mendoza-Álvarez, 2011, p. 38).

O subjetivismo encontra abrigo nas seguranças aparentemente controláveis da internet e das mídias sociais. Estas não precisam de espaços ou contatos físicos, e muito menos estão abertas à refutação. O caráter público do ambiente digital, embora revestido de cores democráticas e plurais, esconde a ferramenta marcante daqueles que não suportam a presença questionadora da alteridade: a possibilidade de excluir (deletar/bloquear/restringir) o outro. A linguagem religiosa que estrutura as redes (comunidades, seguidores, compartilhar) não dá conta do exercício de interação e aproximação dos distantes para o qual as redes se servem. A materialidade do sagrado, aqui, é posta em xeque:

[...] instaura-se uma nova forma de presença: uma "telepresença", possibilitada pelas representações de sagrado disponíveis no sistema católico *online*. Mas a essência dessa nova modalidade de presença é a não presença, a "antipresença" (Sbardelotto, 2012, p. 382).

O fato é que estamos nos transformando em algoritmos, e o espaço virtual – dirigido por especialistas de um capitalismo eletrônico que atinge o afeto das pessoas, fazendo-as abraçar determinadas propostas simplesmente por causa

da palavra informativa e propagandeada pelo *influencer* ou líder que está por trás das redes – tem se tornado o novo lugar religioso.

Tais agentes especializados, vestidos daquelas características de *crise de pertencimento e eleição de um inimigo comum*, tornam-se possíveis lideranças com um poder de convencimento autoritário, integrista e fundamentalista (para não dizer totalitário) de uma multidão incontável de seguidores virtuais. Há inúmeros exemplos de páginas na internet com catequeses, doutrinações, informações litúrgicas gratuitas e cursos *online* privados que são vendidos com a finalidade de formar – e com certificação – reprodutores da hermenêutica do líder que ali é reverenciado. Por trás da fala de quem se projeta, há sempre uma intencionalidade social, política e eclesiológica que se adequa às inseguranças de outros tantos com as mesmas crises de pertencimento e indiferença ao divergente.

A natureza fragmentada das redes, a explosão da participação na produção de conteúdos e a lógica algorítmica aplicada às plataformas fizeram dos ambientes digitais cenários propícios ao surgimento de novos e múltiplos líderes para além da instituição. Os influenciadores digitais da fé, embora associados a diversos grupos, parceiros, mentores e financiadores, possuem uma atuação fortemente personalista, na medida em que o alcance e o impacto deles requerem um forte carisma e uma aproximação intimista junto ao público. Eles estão, portanto, produzindo conteúdos com alto grau de paralelismo àquilo que se entende como magistério da Igreja, ainda que muitos possam ressoar ensinamentos, documentos e orientações ou mesmo erigir um discurso bastante favorável à instituição. Porém, por ora, o olhar não recai sobre o conteúdo, mas sobre a forma. Ela é, em primeiro lugar, bastante independente e livre (Gomes, 2024, p. 308).

A infobolha do líder, atomizada e individualista, é teoricamente aberta na medida em que ele influencia sujeitos que se identificam consigo e que reproduzirão em contextos menores as orientações recebidas. Isso pode acontecer em cenários diversos e com consequências variadas. No campo católico, estruturado por paróquias que se organizam em redes de comunidades, uma influência desse tipo, aquém da comunhão e da unidade com a Igreja, forma aquilo que

chamamos de estrutura de vigilância, a qual, em última instância, divide os irmãos e irmãs que se veem perdidos diante do magistério oficial e outro paralelo. Afinal, "No ambiente digital, [...] o papel da instituição é ainda mais periférico e, em muitos casos, totalmente nulo" (Gomes, 2024, p. 308).

Três consequências dessa espiral que esvazia o comunitário para reafirmar o subjetivismo podem ser destacadas por nós:

1. *A expulsão do outro e a autoafirmação de si mesmo*: A ideia de que o sujeito do desempenho e da competitividade (sujeito pós-moderno) expulsa o *outro* da relação é de Byung-Chul Han⁴. Para ele, o sujeito embebido de si não suporta nada que não lhe confirme ou que não seja um reforço de si mesmo. Isso porque o *tu* representa para o *eu* uma espécie de negatividade dialética, no sentido de *limite* ao seu desejo de onipotência. No lugar, sobra uma *positividade do igual*, isto é, uma permissividade patológica que adocece porque o excesso de desempenho é, no fundo, depressivo. É importante perceber que o cenário para a expulsão do outro real é o da *conexão digital* na era da comunicação (era de milhares de seguidores/vigilantes): "Elas servem [conexão digital e comunicação], antes, para passar direto pelo estranho e pelo outro e encontrar o igual e o de igual inclinação, e cuidam para que o nosso horizonte de experiência se torne cada vez mais estreito" (Han, 2022, p. 10-11). Por fim, conclui Han (2022, p. 11): "Elas nos emaranham em uma *fito do eu* e nos levam [...] a uma 'autopropaganda' que nos doutrina com nossas próprias ideias". Assim, para levar a cabo a chamada positividade do eu (crise de pertencimento), é fundamental expulsar o outro divergente, que se manterá longe por meio da contínua doutrinação orquestrada pelo líder com milhares de seguidores nas redes e com publicações de fluxo contínuo em editoras que

são ecos uníssonos das ideias vociferadas. A subjetividade é transformada em subjetivismo que não conhece nem pensa em lógica intersubjetiva. A religião, aqui, não cultua um Outro, mas o eu-somente.

2. *A adoção de práticas neoliberais afeitas ao consumo e à monetização*: Outro elemento crítico é a intencionalidade presente nos discursos e programas veiculados pela internet e pelos meios de comunicação. Se, de um lado, há o objetivo explícito de doutrinação, de outro há a capitalização de recursos feita por meio da passagem de um capital simbólico para um capital econômico. As devoções, nesse sentido, estão sempre vinculadas à venda de um novo produto do mercado religioso; as *lives* e os conteúdos digitais miram as curtidas e a rentável interação do público. Em uma publicação intitulada *Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais*, as autoras dizem que a frequência das publicações e o engajamento virtual, além de serem um claro fenômeno de liderança, dentro de uma cadeia capitalista "chama atenção de agências e anunciantes, pois o poder de interferência na opinião e hábitos de consumo das audiências pode render vendas significativas" (Primo; Matos; Monteiro, 2021, p. 34). Consumo e enriquecimento se inter cruzam numa tentativa de potencializar um mercado religioso construído sobre o afeto e as consciências violentadas das pessoas. O sagrado passa a ser um produto na imensa prateleira do varejo religioso.
3. *Sustentação teórica numa teologia do poder de Deus*: O processo de fechamento pessoal, dentro do universo religioso e digital, pode favorecer uma lógica de violência multifacetária que tem como princípio norteador uma imagem militarizada, despótica e totalitária de Deus. Tal imagem se transforma em práxis como as analisadas até aqui. Passos (2020) tem sistematizado os prin-

⁴ O pensador coreano escreve uma obra com esse tema: *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje* (Han, 2022).

cipios teóricos dessa *neoteocracia*⁵ ou de uma *teologia do poder de Deus* que se manifesta, entre outros elementos, por meio de “teologias populares” que são sustentadas por esses líderes de frágil cultura letrada ou de pouca cultura político-partidária” (Passos, 2020, p. 151) e de “mídias confessionais que divulgam pautas político-religiosas” (Passos, 2021, p. 175). A espiral da violência elege, portanto, bodes expiatórios (Lv 16,21-22)⁶ que carregam sobre si a culpa pelo caos do mundo. Tais vítimas – minorias étnicas, de gênero, religiosas; autores de ideias divergentes; ativistas sociais; religiosos(as) e leigos(as) que manifestam a opção pelos pobres – experimentam linchamentos diversos pelas mídias sociais, sendo a pena de morte um atrativo expiatório ou uma solução possível (Passos, 2021).

2 ESVAZIAMENTO DOS RITOS: A DIABÓLICA DA VIGILÂNCIA

Neste segundo momento, gostaríamos de abrir uma janela dentro desta realidade para examinarmos um aspecto muito particular e vital das comunidades eclesiais: a liturgia e os seus ritos. Esta opção se dá por causa da centralidade e da importância que essa dimensão ocupa no conjunto da fé e da estrutura religiosa católica. Observemos: a ênfase no individual em detrimento do coletivo; o eu sobreposto ao nós; o *socius* que dá lugar ao *solus*; a fuga das comunidades locais em busca de associações (confrarias/centros) que ratificam as crises de pertencimento e de identidade... Tudo isso gera uma inversão absoluta de valores e princípios eclesiais.

Em primeiro lugar, esvazia-se a compreensão redescoberta pelo Concílio Vaticano II de Igreja como povo de Deus (o que é diferente da possibilidade de que os leigos livremente possam se reunir em associações, desde que estas tenham o mínimo de razoabilidade e comunhão eclesial

com o bispo local e o bispo de Roma); depois, nega-se a dimensão de comunhão em todos os seus níveis (porque esta é cada vez mais seletiva); mata-se o princípio de participação (por conta da crise de responsabilidade); desdenha-se de sua natureza missionária (entendida como apostolado prosélito, quase uma cruzada bélica em nome da salvação); embota-se o cuidado com os pobres (por conta do inimigo-comunismo-a-ser-vencido). Enfim, desconfia-se dos ritos em nome de outra ritualização (quanto mais rígida, individualista, mecânica, melhor! Veja-se a discussão sem fim sobre a missa: sacrifício ou ceia?). Numa palavra poderíamos dizer que, se a existência humana está esvaziada de seu sentido mais profundo, os ritos (a liturgia, a comunhão eclesial, a comunidade de fé...) também são atingidos em seu âmago, porque estes, embora sirvam para o *louvor de Deus*, são pensados como *ação das mulheres e dos homens*. Para aprofundar a questão, observemos como a liturgia se opõe ao subjetivismo; como sofre ataques de vigias em crise de pertencimento e como eles favorecem uma divisão interna no seio da comunidade.

2.1 A liturgia como antídoto diante do subjetivismo

A razão de ser da Igreja se encontra na Trindade: casa e ícone da comunhão, conforme a Tradição retomada pelo Concílio Vaticano II (LG 4). Ela é por excelência a manifestação sacramental da intimidade divina, o extrapolar do amor de Deus que, ao lado da criação, continua na economia salvífica o projeto libertador do Deus *Go'el*. A Igreja na América Latina entendeu as intuições conciliares e criativamente implantou o projeto de *aggiornamento* em terras até então espoliadas e assaltadas por um projeto de colonialismo violento e opressor que não findou com a República, mas ganhou traços novos com regimes despóticos civis-militares. As Conferências do Episcopado Latino-Americano, de Medellín

⁵ “Falar em neoteocracia significa, portanto, afirmar a persistência de um elemento do passado (teocracia) em uma moldura feita de elementos novos (neo)” (Passos, 2021, p. 57). “As neoteocracias encenam as antigas performances políticas dos líderes que governam no lugar de Deus. A novidade não está no tipo de governo, sempre fundamentado em uma ordem transcendente e absoluta, mas no tipo de divindade e no tipo de líder que executa a ordem” (Passos, 2021, p. 217).

⁶ Sobre o mecanismo de violência, conferir a obra de René Girard.

a Aparecida, percorreram um caminho bastante propositivo sobre o papel das comunidades e das celebrações na vida da Igreja. Medellín em 1968, por exemplo, afirmou que "A comunidade cristã de base é, assim, o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também do culto que é sua expressão" (Doc 15, 10). A Conferência de Aparecida em 2007 não só retoma a tradição das outras conferências como também alerta para a necessidade de que nessas comunidades seja despertada "uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus, que as mantenham em plena comunhão de vida e ideais com a Igreja local e, em particular, com a comunidade paroquial" (DAp 309).

Ora, porque a mudança de paradigma esboçada até aqui consiste em um fato existencial e cultural, que toca, portanto, a subjetividade humana, Francisco aponta para uma realidade mais fundamental, que é a crise da verdade sobre a qual se constrói o tempo presente: "numa cultura onde cada um pretende ser portador de uma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais" (EG 61). Na *Desiderio Desideravi*, por sua vez, o papa leva a questão para o âmbito litúrgico-celebrativo, por entender que o binômio liturgia-vida sobrevive de reciprocidade. De tal forma, tanto uma perspectiva cultural/antropológica equilibrada e saudável pode ser incentivo para a dinâmica cültica da Igreja, como também o seu contrário é verdadeiro.

A ação celebrativa não pertence ao indivíduo mas a Cristo-Igreja, à totalidade dos fiéis unidos em Cristo. A Liturgia não diz "eu" mas "nós" e qualquer limitação à amplitude deste "nós" é sempre demoníaca. A Liturgia não nos deixa sós na busca individual de um suposto conhecimento do mistério de Deus, mas toma-nos pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir para dentro do mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. E fá-lo, em coerência com o agir de Deus, seguindo a via da encarnação, através da linguagem simbólica do corpo que se prolonga nas coisas, no espaço e no tempo (DD 19).

O subjetivismo, assim, além de esvaziar os

vínculos comunitários e transformá-los em verdadeira enfermidade coletiva, favorece uma transformação no modo como o sujeito se relaciona com a religião. E mais que isso: quando aí é introduzida a intermediação dos aparatos digitais, estes têm o poder, inclusive, de alterar qualitativamente a compreensão de sagrado. "A internet não oferece simplesmente 'outro lugar' no qual se podem realizar rituais, mas induz a uma mudança qualitativa naquilo que é considerado um ritual religioso viável" (Sbardelotto, 2012, p. 381). Por essa razão, a religiosidade, na era do subjetivismo, sofre uma *midiamorfose da fé*, com dimensões diversas: "O vínculo tradicional do fiel com a Igreja e seus rituais é 'desconstruído' e 'reconstruído' histórica, temporal, espacial, material, discursiva, ritual e liturgicamente (senão ainda em outros aspectos)" (Sbardelotto, 2012, p. 381).

Na esteira do que fora apresentado, Byung-Chul Han escreveu outro ensaio muito interessante sobre *o desaparecimento dos rituais*, considerando-o uma topologia do presente. Aí diz sem rodeios que "O desaparecimento dos símbolos remete à atomização crescente da sociedade. Ao mesmo tempo, a sociedade se torna narcísica"; e conclui:

Rituais não se prestam à interioridade narcísica. A libido do eu não consegue se acoplar a eles. Quem se dedica a eles [aos rituais] deve renunciar a si mesmo. Rituais produzem uma distância de si, uma transcendência de si. Eles despsicologizam, desinteriorizam seus autores (Han, 2021, p. 17-18).

Assim sendo, o esvaziamento dos ritos é só mais uma característica dessa mesma crise generalizada – a privatização do eu e a fuga do coletivo.

Sbardelotto (2012, p. 17) ainda sugere uma alteração no espaço litúrgico-celebrativo provocada pela presença indispensável dos diversos aparatos na realização dos ritos: "Seus edifícios se munem de telões, projetores e alto-falantes, e suas instituições se munem de emissoras de rádios, canais de televisões e *sites*". Diante de câmeras atentas e fiscalização contínua, os ritos são exauridos gradativamente e de dois modos: de um lado, na medida em que perdem a "nobre

simplicidade" (SC 34) e a naturalidade sinfônica por causa da vigilância externa (tanto pelas câmeras espalhadas nos presbitérios, quanto pelas vigias participantes daquela citada espiral); de outro lado, como consequência natural do hiperindividualismo, os ritos sofrem adaptações para enfatizar de modo performático ou o ministro e suas potencialidades ou os sujeitos em suas carências (quase nunca o caráter mistagógico e comunitário). Falamos a seguir de duas tendências que não são antagônicas: as liturgias vigiadas e os católicos que se dividem.

2.2 Liturgias vigiadas

É evidente que os meios de comunicação aproximam pessoas e podem facilitar os processos. Idosos e pessoas impossibilitadas de se deslocarem mantêm a fé, inclusive, pelas transmissões diversas em múltiplas formas. O tema não é esse. A vigilância aqui é aquela operada no ato deliberado de fiscalizar e expor as celebrações (nunca se viu tanta piada com erros e exageros litúrgicos!). Acontece pelo menos em dois aspectos: um é quando se assiste virtualmente ou quando mesmo presencialmente se participa de um ato litúrgico com a intenção de enquadrar o ministro que preside. Outro é quando os agentes de pastoral e outras pessoas, como os próprios ministros, entram na lógica da vigilância (revestida com aparência de piedade e zelo) e, na comunidade local, utilizam elementos das liturgias midiáticas como parâmetro ou fazem sobreposição ritual e, pior, mudam até mesmo a estrutura física e arquitetônica para esse fim.

Nesse sentido surgem diversas situações que vão se tornando universais, como a clericalização dos leigos, o excesso de funções litúrgicas numa mesma celebração (coroistas moldados por uma tendência robótica à la Aarautos do Evangelho, cerimoniários, acólitos, *ancilas*, ministérios de música com performances *pop stars*...), a formação baseada em rubricismo/proibições e outros elementos. Por trás desse fenômeno marcadamente pós-moderno (relação coletivo x individual), há uma tendência ideológica oposta, fundamentalmente conservadora ou neoconservadora.

Toda a estrutura de pensamento, o ponto de partida teórico e as referências são anteriores ao Concílio Vaticano II e, portanto, à reforma litúrgica. Conteúdos que foram ensinados e normatizados tendo em vista outro contexto cultural tornam-se *dogma* de uma nova cultura, frágil e sedenta de rigidez. Retroalimenta esse círculo aquelas mesmas confrarias e centros de estudo – citados anteriormente – com cursos *online* e livros de devoções e catequese que, se lidos fora de seu *chão de nascimento* e sem a devida aproximação histórica com a situação do ser humano de hoje, tornam-se o combustível perfeito para a alienação e o deslocamento estrutural da existência e sua relação com a comunidade de fé. Mais que isso, canais virtuais com padres, religiosos e leigos também enveredam na elaboração de uma catequese que mistura liturgismo, moralismo escrupuloso, falas melosas explicitamente conduzidas à luz do método de *coaching* e até uma banalização do Santíssimo Sacramento, exposto diante de um falatório ruidoso e cheio de insuficiências e confusões bíblico-doutrinárias.

As liturgias vigiadas provocam e são uma das responsáveis pelo esvaziamento dos ritos. Se há uma intencionalidade e uma má fé pelo agente que elege as vítimas (veja-se a contínua campanha difamatória contra o Arcebispo de Aparecida, com frases recortadas de seus contextos; o vídeo de conteúdo apelativo contra o Arcebispo de Olinda e Recife, orquestrado pelo já citado centro Dom Bosco, que usa momentos de homilias do Dom Paulo Jackson a fim de colocá-lo contra os leigos em geral; o que acontece nas paróquias e comunidades espalhadas nos diversos rincões do Brasil), há uma divisão explícita e orquestrada entre os católicos.

2.3 Católicos divididos

As consequências do esvaziamento dos ritos pelos vários fatores já mencionados provocam uma divisão entre os irmãos e irmãs batizados. Aqui chamamos esse fenômeno de uma verdadeira segregação que tem ganhado corpo em diversos lugares e níveis. Esse processo se manifesta como um *protesto reacionário*, cada vez

mais explícito, em relação à comunhão da Igreja. São postos sob suspeita o papa, a Conferência Episcopal, os bispos, os teólogos, a Campanha da Fraternidade e, em síntese, a própria Tradição. Em contrapartida, figuras míticas assumem a liderança desse pretensso grupo de iluminados supercatólicos. É, portanto, uma dinâmica de *ex-comunhão* que tem sua imagem sacramentada na fuga do comunitário (vigilância/esvaziamento dos ritos/assunção de práticas sectárias) e no endossamento do ego narcisista e vaidoso.

O grande Romano Guardini (2018, p. 29), em sua clássica obra *Espírito da liturgia*, chama a atenção para este fato: "a liturgia se apoia não no indivíduo, mas na comunidade dos fiéis", sendo esta não o retrato somente da paróquia que se reúne, mas o conjunto universal dos batizados. E acrescenta:

Há ocasiões em que o fiel toma consciência dessa unidade que o envolve [vida de Cristo na vida dos fiéis], o que se dá sobretudo na liturgia. Nela ele está diante de Deus não como um ser isolado, mas como membro desta unidade. É ela que fala a Deus; o fiel fala nela. Tal unidade exige do fiel que ele se reconheça como membro. A experiência da comunidade eclesial tem como fundamento, para o indivíduo, a ação litúrgica. O fiel – quando participa vitalmente da liturgia – deve tomar consciência que ora e age como membro da Igreja, e que é a Igreja que age e ora nele; deverá compreender e aspirar tal comunhão com os demais fiéis nessa unidade superior (Guardini, 2018, p. 30).

A liturgia, portanto, só tem razão de ser se for de fato *ação eclesial* celebrada para o louvor do Pai, pelo Filho no Espírito em benefício santificante da própria *comunidade eclesial*. Isso implica dizer que há uma mediação da Igreja, e portanto comunitária, no exercício da liturgia e no do próprio ser católico. As relações virtuais que desconhecem a processualidade e a dimensão comunitária dos ritos porque se edificam sobre a égide do instantâneo e do individualismo dão o tom ao cenário de esvaziamento e divisões atuais. É preciso, pois, reconhecer que o exercício deturpado da vigilância e os magistérios paralelos são um desserviço ao povo de Deus. É Guardini (2018, p. 31), novamente, quem pontua com precisão ímpar: "a individualidade deverá

renunciar suas próprias ideias e orientações. Cabe-lhe seguir as intenções e os caminhos da liturgia. Nela deverá abandonar a sua autonomia; deverá rezar com os outros em vez de seguir a sua própria iniciativa".

Tais iniciativas individuais, alheias à comunidade eclesial, reúnem esquisitices diversas numa espécie de bricolagem capaz de associar desde as características mais tradicionalistas aos trejeitos e linguajares neopentecostais. Para isso se utilizam de uma teologia específica, uma espiritualidade própria e uma estética peculiar. É uma "subigreja", imersa numa bolha particular, prestes a estourar dentro da comunidade católica. Vejamos alguns desses elementos e a possibilidade de saída desse universo.

À GUIA DE CONCLUSÃO: SAÍDAS POSSÍVEIS PARA TEMPOS ESQUISITOS

O processo de esvaziamento dos ritos é consequência de uma mudança radical percebida no ser humano pós-moderno. Da relação EU-TU, passa-se sem mais a uma relação interpessoal EU-ISSO (Buber, 1979), com tendência a despersonalizar e coisificar o outro – que para os cristãos tem o caráter de próximo/irmão. Esse deslocamento estrutural das relações ganhou intensidade com as ferramentas digitais, as quais, quando desviadas de seu sentido, em vez de aproximar, criam barreiras e distâncias capazes de destruir a vida do outro, que nem sequer tem direito a defesa. A velocidade da internet, potencializada pelo ilimitado possível da inteligência artificial, não suporta qualquer processo mistagógico. Antes, é conduzida pela instantaneidade que desburocratiza e desmistifica a vida.

Não é nosso interesse fazer discurso pessimista ou demonizador da internet ou dos recursos digitais. Eles são instrumentos. Nossa preocupação é posta na relação existente entre o modo de vida inaugurado com a era digital (hiperindividualista) e a vida cristã em suas diversas dimensões, inclusive litúrgico-celebrativa (participativa e comunitária). A preocupação, inclusive, chega à percepção de grupos que deliberadamente sacramentam aquele mundanismo já alertado por

Francisco: "O mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal" (EG 93). Em linguagem dogmática, isso é compreendido como *neognosticismo* e *neopelagianismo* e, "Em ambos os casos, nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente. São manifestações dum imanentismo antropocêntrico" (EG 94). Conclui o papa:

Este obscuro mundanismo manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas mas com a mesma pretensão de "dominar o espaço da Igreja". Nalguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história. Assim, a vida da Igreja transforma-se numa peça de museu ou numa possessão de poucos (EG 95).

A organização desses movimentos tem percepções teológicas bastante evidentes: em alguns momentos o discurso se baseia numa *teologia do poder Deus* (Passos, 2020), que origina a *teologia dos poderes da Igreja* e dos *poderes políticos a ele alinhados*; também uma *teologia do domínio* baseada de modo fundamentalista em Gn 1,28 e uma *teologia do ide*, que deturpa o mandato missionário de Jesus em Mt 28,16-20 em nome de um proselitismo que guerreia em nome da salvação. Para isso, as espiritualidades que lastreiam tais percepções são várias: uma é de *cunho militar*, totalmente alinhada a uma cosmovisão aristocrática da religião, justificando-se pela indiferença e pela superioridade em relação ao que é "civil" e "temporário" (Comblin, 1968, p. 10); outra é orientada pelo *consumo* e para o *lucro* (Comblin, 2007) – aí se entende a publicação de livros, novenas, reedição de textos doutrinários antigos, catecismos, cursos e monetização a partir de vídeos e engajamento em redes sociais. O produto disso tudo é uma estetização da religião que funda o homem e a mulher pós-modernos vestidos externa e internamente do caldo cultural de outros séculos já passados.

Por mais complexa que seja a questão, as possibilidades de saída e ruptura dessa lógica (aparentemente antagônica mas que inaugura um

movimento "paraeclesiástico", visto que se irradia com discursos políticos alinhados à extrema direita, movimentos monarquistas, sionistas e até mesmo de Igrejas protestantes, pentecostais ou não) são aquelas já conhecidas e insistidas pela Igreja. De um lado é imprescindível uma formação litúrgica séria e continuada para agentes leigos, seminaristas, religiosos(as) e o clero. Essa formação precisa ser amparada na comunhão eclesial (seja universal, seja local) e na necessária abertura missionária, transcendendo assim ao ritualismo/liturgismo a fim de garantir uma plena e cônica participação nas celebrações. De outro lado, a formação precisa conduzir o povo de Deus para a liturgia das relações comunitárias, ou seja, para o cuidado ético da criação e dos vínculos de fraternidade. As liturgias não podem, por isso mesmo, ser sacramentais da divisão e da classificação estereotipada dos melhores e piores, mas precisa ser espaço sagrado do encontro entre o Totalmente Outro e os totalmente livres.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo: Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CASTRO, Fábio Caprio Leite de. Os riscos de degeneração da democracia contemporânea – a atomização social e o discurso totalitário. *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 23, n. 1, p. 366-385, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/14578>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO (CELAM). *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO (CELAM). *Las cinco conferencias generales del episcopado latino-americano*: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida. Bogotá: Kimpres, 1994.
- COMBLIN, José. *A vida: Em busca de liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- COMBLIN, José. *O definitivo e o provisório*. São Paulo: Herder, 1968.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*: Sacrosanctum Concilium. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 23 nov. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática sobre a Igreja*: Lumen Gentium. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 23 nov. 2024.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 23 nov. 2024.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GOMES, Vinicius Borges. Influência católica conservadora: aspectos políticos e religiosos. In: MEDEIROS, Fernanda de Farias et al. *Influenciadores Digitais Católicos: Efeitos e Perspectivas*. São Paulo: Paulus; Ideias e Letras, 2024.

GRIPP, Glicia. Católicos contra a fraternidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 83, n. 326, p. 759-787, 2023. Disponível em: <https://revistaeclesiastica-brasileira.ief.edu.br/reb/article/view/5226>. Acesso em 22 nov. 2024.

GUARDINI, Romano. *Espirito da Liturgia*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

HAN, Byung-Chul. *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje*. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. *O Desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. Petrópolis: Vozes, 2021.

LIGA CRISTO REI. *Com apenas dois anos de idade a Liga Cristo Rei para a Defesa da Fé já conta com mais de 40 Centros espalhados pelo mundo*. Rio de Janeiro, 12 set. 2019. Facebook: @ligacristorei. Disponível em: <https://www.facebook.com/ligacristorei/posts/pfbid023w-J2Sf3y32Qv2V5o5e18PEW1vzUNAGg8EN8S6vSGt-VAMAYPuTG5tvhG2W1z3oqwPI>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *O Deus escondido da pós-modernidade: Desejo, memória e imaginação escatológica*. Ensaio de Teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: É realizações, 2011.

PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente: O tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020.

PASSOS, João Décio. *No lugar de Deus: Ensaio (neo) teocráticos*. São Paulo: Paulinas, 2021.

PRIMO, Alê; MATOS, Ludmila; MONTEIRO, Maria Clara. *Dimensões para o estudo dos influenciadores*. Salvador: EDUFBA, 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. Deus em bits e pixels: Rituais online e a experiência religiosa em tempos de internet. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 3., 2016, São Leopoldo. *Anais* [...]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2016. p. 371-384. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/17>. Acesso em: 20 maio 2024.

Pedro Leite

Mestre em Teologia e Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife/PE, Brasil. Professor no Curso de Teologia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife/PE, Brasil.

Endereço para correspondência

PEDRO LEITE

Universidade Católica de Pernambuco

R. do Príncipe, 526

Boa Vista, 50050-900

Recife, PE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.